



Nasce uma *iabá*: festa de iniciação de Oxum

An iyagba is born: Oxum's initiation party

Nasce una iabá: fiesta de iniciación de Oxum

Leandro Tiago Ferreira
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
leandrotiago555@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-6560-7108>

Apresentação

Inserido em um contexto da etnografia visual, o ensaio apresentado objetiva o resgate das dimensões estéticas (Guattari, 2012) que emanam da cristalização fotográfica das cerimônias do candomblé. Remeto-me a essa tradição religiosa, cujas particularidades são subalternizadas e relegadas ao apagamento, em detrimento à valorização dos saberes hegemônicos que subestimam os corpos dissidentes, na condição de filho de santo do Terreiro T’Aziry Ladè, atravessado por suas potências em prol de uma cartografia de afetações (Rolnik, 2006). Desde a posição de integrante do Terreiro, registro o apogeu estético nos quais os corpos subalternizados são elevados à condição de expoentes de saberes não-hegemônicos por via da fotografia, elemento comum à antropologia visual.

À revelia das imposições das colonialidades que permeiam as estruturas sociais nas quais as afro-brasilidades se encontram, emerge o teor decolonial (Quijano, 2005) desse trabalho, ao retratar outra possibilidade de conceber o olhar direcionado às manifestações oriundas das tradições religiosas de matriz africana. É a partir desses aportes que anseio o registro da cerimônia pública, na qual o Terreiro é espaço do parto ceremonial de uma *yalode*¹, pronta para integrar e liderar as mulheres ao seu lado.

As fotografias realizadas durante a imersão nas festividades públicas do Terreiro T’Aziry Ladè são desdobramentos da dissertação de mestrado² desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEduc) no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As especificidades de fotografar esse campo versam em torno da produção de contravisualidades (Mirzoeff, 2016) para a desestruturação dos regimes hegemônicos das imagens e a desmistificação dos ritos das religiões de matrizes africanas. Por sua vez, em respeito à ética necessária para a tecitura desse ensaio, atenho-me às festividades públicas, que não resguardam segredos religiosos e que podem ser

¹ Termo iorubá, idioma original dos cultos de Oxum em território africano. Seu significado é relacionado às figuras femininas de liderança.

² Este trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, aprovado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética de número 83428124.6.0000.5208.

apreciadas por quaisquer pessoas. Os aspectos técnicos das imagens produzidas para esse ensaio visual tecem relação com a captura a partir de uma câmera Sony NEX-C3, utilizando de lente fotográfica 18–55mm e, posteriormente, editadas digitalmente no *software* Adobe Lightroom, e objetivam mapear no plano do sensível materializações do sagrado afrobrasileiro.

No interior de Pernambuco, na cidade de Caruaru, resiste um pilar das religiões de matriz africana: o Terreiro T’Aziry Ladè fundado, em 1987, por Mãe Lourdes de Oxum. A matriarca, falecida antes que eu chegasse a conhecer esse espaço de difusão do candomblé, deixou um legado de luta e acolhimento que a aproxima do que a definiu durante toda sua vida: ser uma filha de Oxum. Passados anos após a experiência do luto, o Terreiro, sob a gestão de Pai Rogério de Iemanjá, prepara-se para a iniciação de uma Oxum, a primeira iniciada após a partida de Mãe Lourdes.

Durante um período de 21 dias de recolhimento, são gestados ritos e cerimônias privadas que afirmam a presença do sagrado no corpo da noviça, a unir o que é considerado humano e metafísico. Entre banhos de ervas, rezas e oferendas votivas às divindades que regem sua vida, o tempo de estadia na camarinha³ contempla o aprendizado acerca dos valores religiosos, éticos e estéticos do candomblé, assim como os interditos que devem ser cumpridos rigorosamente após o período de iniciação. Conseguinte ao cumprimento dos ritos que incidem na sacralização do corpo, é chegada a hora de dar à luz a uma pessoa que, a partir de então, passa a figurar na hierarquia do candomblé.

O movimento das águas do ventre materno de Oxum está preparado para parir uma nova filha. A *dofona*⁴ de Oxum, sua noviça recém-nascida, projeta-se no mundo por meio da festa de iniciação, na qual aparece pela primeira vez de maneira pública, renascida. A

³ Palavra comum aos candomblés, refere-se ao quarto no qual os recém-iniciados ficam recolhidos durante os ritos iniciáticos.

⁴ Termo comum ao candomblé, remete à sequência da ordem de iniciação de um(a) filho(a) de santo. Essa palavra designa a primeira pessoa iniciada durante os ritos necessários de recolhimento. A ordem de iniciados é, habitualmente: *dofono(a)*, *dofonitinho(a)*, *fomo*, *fomotinho*, *gamo*, *gamotinho*, *vimu* e *vimutinho*.

rítmica das batidas do seu coração é guiada em consonância com o toque compassado dos atabaques, que ditam os movimentos do corpo que transita no salão do Terreiro e demarca seu espaço ao bailar, em transe, passos dotados da sutileza indissociável à mãe d'água doce.

Oxum, divindade de origem iorubá, regente dos movimentos das águas doces, habitualmente associada à beleza e vaidade, é, igualmente, relativa às características maternais, o que lhe garante o título de *iabá*⁵, sob o qual impera a lógica do cuidado e da afetividade para com os que lhe dedicam devoção (Prandi, 2001). Não seria possível resumir os aspectos de Oxum em referência à fisicalidade de sua beleza, pois tal movimento ignoraria questões que se desdobram a partir dessa divindade. Oxum é expoente da doçura do mel, dona do ouro, guerreira que brande o alfange e mãe cuidadosa.

Ao figurar no centro do salão, Oxum porta seu *abebé*, espelho ao qual é indissociável. Nesse artefato sacro materializam-se questões simbólicas que remetem às formas de manifestação gestual, arquétipa, simbólica e mitológica associadas a essa divindade, em um percurso que estetiza o imaterial e o transforma em sensível, disposto ao deleite do olhar público. A superfície refletiva do *abebé* remonta suas ilações com as águas primeiras que nutrem a vida e a perpetuam (Ferreira; Carvalho, 2024). Ao mirar seu reflexo na materialidade do espelho, Oxum reitera a importância do reconhecimento da subjetividade que se inscreve no íntimo de cada um, e o axé que reside no interior de quem resiste às imposições que subalternizam os corpos e crenças à margem das colonialidades.

Oxum, divindade fundamental ao axé do Terreiro T'Aziry Ladè, retorna ao centro do salão para finalizar os processos do luto experienciado por aqueles que perderam o acalanto da matriarca, Mãe Lourdes. Ao espalhar seu axé pelo Terreiro, transmuta em mel as águas salgadas das lágrimas dos que choram, para nutrir a beleza das relações de afeto que se desdobram sob a égide dos cuidados dessa *iabá*. O ritmo dos cantos e toques é

⁵ De origem iorubá, essa palavra significa, de modo literal, “Mãe Rainha”, é associada às divindades matriarcas do candomblé, a exemplo de Oxum e Iemanjá, consideradas grandes mães ancestrais.

atravessado somente pelas saudações entoadas para essa divindade. A todo momento é possível ouvir vozes embargadas de emoção em saudação à matriarca com “*Ore yejê ô*”.



1. Todos saúdam o corpo no qual mora Oxum

De cabeça baixa, pintada com giz e pós rituais, a recém-iniciada porta uma pena de papagaio-africano em sua cabeça, signatária do cumprimento de seus ritos iniciáticos.

Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



2. Uma rainha e sua coroa

Oxum, associada a metais preciosos como ouro e bronze, ostenta sua coroa. Intitulado de *adé*, esse artefato reitera as características de nobreza associadas a essa divindade.

Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



3. Oxum chega ao salão, paramentada

A *dofona* recém-iniciada aparece no salão utilizando os artefatos e paramentas características de Oxum. Oxum, em plenitude, habita seu corpo. Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



4. A força das águas doces é sutil

Oxum aparece completamente paramentada, portando seus artefatos sacros e um buquê de girassóis. Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



5. Os afetos tomam conta do solo sagrado do Terreiro

Em um abraço caloroso, duas filhas de Oxum se encontram.

Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



6. Oxum dança e espalha seu axé

Oxum, em movimentos ritmados pelo compasso dos toques que lhe são dedicados, espalha o axé das águas doces pelo Terreiro. Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



7. Oxum torna-se reflexo em seu *abebé*

O *abebé*, espelho característico de Oxum, representa a superfície refletiva das águas. Ao mirar seu reflexo, Oxum retorna às águas, espelhos primeiros.

Foto: Leandro Ferreira (01/2022).



8. Gestos leves, fluidez d'água

Em um último momento de sua primeira aparição pública, Oxum movimenta suas paramentas como o movimento da água doce. Foto: Leandro Ferreira (01/2022).

Referências

- FERREIRA, Leandro; CARVALHO, Mário. Abébé de Oxum: exemplificações simbólicas do imaginário e saberes afrorreligiosos do Candomblé desde a estética. *Revista Cadernos de Campo*, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e024011, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/18190>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2^a ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

Recebido em 5 de fevereiro de 2025.

Aceito em 16 de junho de 2025.